

Medo do PT não muda planos de empresas

LÉA CRISTINA E MARIZA LOUVEN

317

— Reduzir investimentos? Nada disso, afinal, o que não há é previsão para as pessoas pararem de tomar Coca-Cola — responde o Presidente da Rio de Janeiro Refrescos, Antônio Carlos Vidigal, ao ser questionado sobre qual a diferença que a vitória de Fernando Collor de Mello ou de Luís Inácio Lula da Silva terá sobre sua empresa. Assim como Vidigal, outros cinco empresários cariocas ouvidos não pensam em mudanças substanciais no plano estratégico, mesmo temendo as propostas estatizantes de Lula.

Tanto os empresários quanto quatro economistas consultados deixam claro que, com Lula ou Collor, num primeiro momento, haverá um clima de expectativa. Qualquer que seja o Presidente, opinam, terá que tomar duras medidas de ajuste que devem ter efeito recessivo. Mas a sequência dos atos econômicos dependerá, basicamente, das alianças que começam a ser alinhavadas após a divulgação oficial do resultado do primeiro turno. Independentemente da linha política, o novo Presidente precisará de apoio do Congresso para tomar a maioria das medidas.

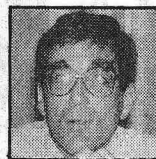
A fase mais crítica, todos concordam, será o período até a posse. Não há perspectiva de redução da especulação, mas nem todos acreditam que pode aumentar no caso de Lula ser o escolhido no segundo turno. Não há dúvida de que a inflação continuará crescendo, mas sem chegar à hiperinflação. A explosão dos preços não está, necessariamente, condicionada ao resultado da eleição presidencial, mas depende, basicamente, dos Ministros da Fazenda Mailson da Nóbrega e do Planejamento, João Baptista de Abreu.

Os empresários consultados foram: Félix de Bulhões, Presidente da White Martins; Antônio Carlos

Vidigal, Presidente da Rio de Janeiro Refrescos e da Associação Brasileira das Indústrias de Bebidas Refrigerantes; Richardson Valle, Diretor Executivo do grupo Itaipava; João Pedro Gouvêa Vieira, Presidente do Conselho de Administração dos grupos Ipiranga e Sul América; Renato Villela, Presidente da Nutricia Produtos Dietéticos e Nutricionais e Vice-Presidente da Associação Comercial do Rio; Venâncio Velloso, Vice-Presidente do grupo Casas da Banha. Os economistas são: Fábio Giambiagi, do Instituto de Pesquisas da Seplan (IPEA); José Márcio Camargo, da PUC; Maria da Conceição Tavares e Aloísio Teixeira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O Brasil depois das eleições, na ótica de empresários e economistas

Empresários e economistas ouvidos pelo GLOBO falaram dos planos de suas empresas e/ou de suas previsões sobre o comportamento da economia no caso de vitória de Luís Inácio Lula da Silva, do PT, ou de Fernando Collor de Mello, do PRN, nas eleições para a Presidência da República. Em sua maioria, os entrevistados não se recusaram a fazer declaração de voto, tanto no primeiro quanto no segundo turno: o objetivo foi definir melhor o pensamento político de cada um. Todos se empenharam em afastar o fantasma da hiperinflação: apesar das previsões de taxas crescentes, eles não acreditam que haja descontrole inflacionário. As opiniões convergem para uma taxa de inflação em torno de 50% até março.

	 Félix de Bulhões	 Richardson Valle	 Antônio Carlos Vidigal	 João Pedro Gouvêa Vieira	 Renato Villela
Em quem votou?	Fernando Collor	Alfif Domingos	Não respondeu	Fernando Collor	Alfif Domingos
Em quem votará?	Fernando Collor	Lula	Fernando Collor	Fernando Collor	Fernando Collor
Estratégia empresarial	Nada muda na estratégia da White Martins, independentemente de quem vencer. Mas nosso investimento será proporcional ao crescimento da economia. Lula tem propostas estatizantes, de fechamento da economia ao capital estrangeiro, e por isso não levará o País ao crescimento.	Não vamos mexer na programação de investimentos do Grupo Itaipava, que deverá inaugurar vinte lojas de conveniência em 1990, qualquer que seja o resultado das eleições. No caso de uma vitória de Lula, entendo que o País venha a caminhar mais no sentido da modernidade.	Qualquer um dos candidatos eleitos vai tomar medidas muito austeras, que podem levar a uma recessão. Vamos nos adaptar. Mas a longo prazo, o pessoal vai continuar tomando Coca-Cola, que é um produto de alto consumo, e por isso, vamos manter nossa estratégia de investimentos.	A estratégia do Grupo Ipiranga continuará a mesma no próximo Governo, seja qual for o candidato vitorioso no segundo turno das eleições. Não sei se Lula vai nos deixar investir, mas se o fizer, vamos continuar com a nossa programação normal de investimentos.	Não será um ou outro candidato que influenciará os planos da Nutricia. A manutenção dos investimentos dependerá de como o candidato se comportar depois de assumir o cargo de Presidente da República. Afinal, a retórica sempre muda após as eleições.
Medidas econômicas do novo Governo	Collor daria um choque de credibilidade interno e externo, o que já resolve parte dos problemas que estão gerando a inflação. Depois, faria um choque fiscal, austeridade de gastos e privatizações. Lula faria o mesmo, mas o Estado teria uma presença maior na economia.	Se Collor de Mello vencer as eleições, fatalmente teremos que enfrentar medidas recessivas e não haverá muitas mudanças de aspecto social. No caso de Lula, acredito em surpresas como as que os argentinos tiveram com Menem, como a liberação do mercado.	Tanto no caso de Fernando Collor, como no caso do candidato do PT, haverá corte de despesas, com redução de gastos por parte do Governo. Só que Lula talvez esteja menos inclinado a cortar despesas e mais radical no que diz respeito ao controle de preços.	A primeira medida a ser tomada por qualquer um dos dois — mesmo que através de diferentes caminhos — será o estabelecimento de um acordo entre as classes produtivas para debelar a inflação. Estas medidas vão depender das composições que forem feitas entre as partes.	Todos vão fazer a mesma coisa: impedir a fuga de poupanças para os mercados especulativos, mantendo uma política monetária rígida. Além disso, vão conter os gastos, fazer congelamento de preços. Acabarão havendo recessão, como consequências das medidas de austeridade.
O que acontecerá até a posse?	A especulação financeira vai se manter no nível em que se está agora e a inflação continuará com tendência de crescimento. Só que o ritmo de crescimento será mais acelerado. No caso de Lula vencer as eleições, pode haver um nervosismo um pouco maior.	A economia não vai conseguir se manter em equilíbrio até a posse do novo Presidente, com o agravamento de problemas de abastecimento e do processo especulativo no mercado financeiro. Apesar disso, não deveremos chegar à hiperinflação clássica.	Mailson e Baptista de Abreu conseguirão segurar a inflação. A vitória de Lula teria influência sobre os mercados especulativos, mas não há perspectiva de hiperinflação à vista. Haverá pressão irresistível dos eleitores para que o novo Presidente tome posse logo.	Acho que o Congresso pode dar o golpe do parlamentarismo até o dia 15 de março, já que a maioria dos deputados e senadores foram fragorosamente derrotados nesta eleição. Com isso, indicaria um Primeiro-Ministro e governaria através dele. Isto, sim, poderia levar o País a um descontrole econômico imprevisível.	A transição será o momento mais crítico para a economia. Os agentes econômicos ficarão muito sensíveis e vão procurar se proteger de eventuais perdas, aplicando suas poupanças nos mercados especulativos. Ou seja, teremos mais especulação e, talvez, descontrole da inflação.
	 Venâncio Velloso	 Fábio Giambiagi	 José Márcio Camargo	 Maria da Conceição Tavares	 Aloísio Teixeira
Em quem votou?	Não revelou	Covas	Lula	Ulysses	Ulysses
Em quem votará?	Não revelou	Lula	Lula	Não vota em Fernando Collor	Lula
Estratégia empresarial	O Grupo Casas da Banha não está prevenindo investimentos de peso para o próximo ano, seja qual for o Presidente eleito. Acreditamos que o momento econômico ainda é instável e, durante 1990, vamos nos limitar a reiniciar estudos de investimentos em função da nova administração.	Num primeiro momento, os empresários devem ficar na expectativa. A diferença é que, num Governo do Collor, isso acontecerá porque haverá medidas de ajuste que levarão a uma recessão. Mas se Lula for eleito, os empresários vão se retrair, temendo as mudanças.	A eleição de Lula para o segundo turno já será suficiente para fazer com que as empresas mudem sua estratégia e a lógica de comportamento dentro da sociedade. A possibilidade de os trabalhadores chegarem ao poder indica um maior equilíbrio de forças na sociedade.	Não tenho muita certeza do que os empresários fariam, tanto no caso da vitória de Fernando Collor, como no caso da vitória de Lula. Aliás, eu tenho a impressão de que os próprios empresários também não sabem o que vão fazer ao término das eleições.	Qualquer que seja o candidato eleito, Lula ou Collor, haverá um período de expectativa por parte dos empresários. Quanto à questão de queda nas taxas de investimentos, não acredito que se possa falar sobre isso, já que estas taxas hoje já são muito baixas.
Medidas econômicas do novo Governo	No caso de Fernando Collor ser o vencedor, acredito que ele partiria para um grande acordo com os agentes econômicos e daria prioridade à questão do déficit interno. No caso de vitória de Lula, haverá uma preocupação maior com a dívida externa.	Collor adotará programas semelhantes aos que vêm sendo adotados ao longo dos últimos anos, inclusive com medidas como controle de preços e alongamento dos prazos de reajustes dos salários. No Governo Lula, há possibilidade de reedição de um plano parecido com o Cruzado.	Dependerá dos acordos que os candidatos farão. Mas Fernando Collor acredita que a credibilidade do novo Governo possibilitará a adoção de um pacote econômico. Lula, por sua vez, tentará reduzir a inflação através de uma negociação entre capital e trabalho.	Nenhum dos dois candidatos que passarão ao segundo turno têm apoio suficiente no Congresso para governar sozinho. Tanto Fernando Collor, quanto o Lula, vão ter que negociar com o PMDB e com o PSDB e as medidas a serem tomadas dependem muito destas alianças.	Acredito que teremos cem dias de expectativa, mas que depois deste período a crise vai voltar. Ai, todos terão que negociar. Collor tentará compor um ministério do tipo união nacional. Já o Lula lutará para impor seu programa de política econômica.
O que acontecerá até a posse?	Acredito que a inflação continuará em ritmo crescente e chegará à casa dos 50% em março. Apesar disso, não creio que estas taxas joguem o País em clima de hiperinflação. O melhor seria que a transição ocorresse tão logo o novo Presidente seja conhecido.	A eleição de Collor não estimulará o aumento da especulação na mesma proporção que a eleição de Lula. A inflação continuará subindo, mas poderá ficar em torno dos 50% até março, caso Collor vença. Mas, se o vencedor for Lula, poderá haver descontrole.	O mercado financeiro ficaria mais tranquilo, no curto prazo, com a eleição de Collor. No caso de Lula, ficará intranquilo, mas depois volta à normalidade. Quanto ao comportamento da inflação, dependerá de o Ministro Mailson da Nóbrega manter a atual política econômica.	Não tenho ideia do que possa acontecer até a posse do novo Presidente. Que a situação esteja ruim, está sim. Que a inflação esteja se acelerando, está sim. É tudo uma questão de expectativa e, assim, de psicologia social. Não tenho previsão científica alguma a respeito.	Rezo para que o Presidente José Sarney nada faça. Não acredito que, nesta fase de transição, o País vá cair em uma hiperinflação. Mas para isso, é preciso que todo mundo fique quietinho, aguardando o momento da mudança. E torcendo para que dê certo.